

Poesia Noética d'Eu

João Barcellos



liberdade de ser

o eu pensa
diz o que deverá estar
e ele o é
não pelo que é
vive no desejo d' estar
pelo que em si alimenta

transformação d' eu que rebenta
amarras na intenção de fabricar
aquilo não visto mas que o é

comunidade

dizemos de nós
tudo o que deve ser lido
ego e vaidade
mercantil idade
o querer sem ciência é lixo
fala d' eu e acaba com o nós

o uno é todo e é feixe de nós
o pensamento vibra no vários sentido
cósmico estar sem idade

calendário & avatar

o que vai à terra
na terra dá frutos
entre o sol e a lua
climas amenos ou não
– é uma roda
por cada cultivo eis um ciclo
– eis o calendário
entre a vida e a morte a ilusão
deixa a humanidade nua
de filhos em filhos
somos nada e terra

os hindus dizem-nos d'outro caminho
de vida e dos maios sabemos do fim dos tempos
e dos celtas e egípcios o mesmo – eis os tempos
da ilusão humana: o velho mito

somos nada e terra
não o dizemos aos nossos filhos
a alma vai nua
à nossa imagem vem a ilusão
– dizemos do tempo um calendário
dividimos tudo menos o ciclo
do poder-macho já uma roda
com a qual avançamos na destruição
– egoísmo: alma seca e crua
nela educamos os nossos filhos
frutos inocentes à flor da terra

construir

das raízes que na rede estão
às que no cesto vão
o mundo é como a cerâmica e s'entrelaça
é e não é
foi e será pelo que é
a uva pisada é néctar que s'alcança
mensagem que vai de mão em mão
pensar é estar e ser transformação

eu e a multidão

estado d'espírito
alma de varas muitas na variação
do vento
cós mica agitação
profundas e vibrantes cores
no alento
da massa que somos em proporção
o mundo em uno grito

divindade que em mim o é

claro e escuro
tomam a mente como ouro e ferro
do morro arrancados no braço
um fátuo fogo nos é íntima lamparina
do agora já sem passado
cânticos faíscam na chama e nos vem o aperto
d'alma bem fundo

o que feito foi é o mundo
legado nest'apoteose em cósmico acerto

profecia

um cântico percorre-me
solene e leve
ouro e escoar na maré baixa
o meu olhar é baía e bebe
em cada onda que chega como catraia
a querer mais e mais
solene e leve
que a morte é cântico que me move

conquista e insensatez

por El Cuyo percebo Mendoza
o ciclo de muares
novo mundo na transformação
que vai de Buenos Ayres
à Piratininga dos velhos obreiros lusos
e tudo sob o olhar europeu
– olhar de velho europeu
a dizer não à língua local e sim aos fusos
que fazem a rede nativa
– olhar a dizer não ao cacique e sim aos luxos
do sexo com a bela cativa

o olhar europeu é oásis em El Cuyo
bebe no Prata a têmpera das riquezas
faz no Piabiyu o comércio
e em Lisboa e Madrid está um Vaticano
a partilhar riquezas e sutilezas
oh os altares não o são sem o luxo

o novo mundo é terra cativa
de Buenos Ayres aos sertões da Piratininga
no lombo de muares
eis a Europa que não sabe de livres ares